

**ilimitada**

**CARAMBAIA**

# Sumário

Introdução, por Roger Allen

■ ■ ■

Perseguição

Tawhida

O Filho da Viela

A flecha

A profecia de Namla

O fim do mestre Saqr

Infortúnio

A vida é um jogo

A súplica do xeique Qaf

Nosso pai Igwa

O sussurro das estrelas

Segredo de fim de noite

Shaikhun

A tempestade

O grito

Seu quinhão na vida

Nabqa no antigo forte

O forno

■ ■ ■

Sobre o autor

Notas

Créditos

## Introdução

Roger Allen

A descoberta de uma coleção de dezoito narrativas até então desconhecidas de um Nobel de Literatura é evidentemente um evento significativo. No caso específico de Naguib Mahfuz, o vencedor egípcio do Nobel de 1988, ainda mais significativo, tendo em vista sua posição central no desenvolvimento da ficção árabe moderna e sua participação constante e vigorosa na vida social e política egípcia, tanto por meio do jornalismo como de sua escrita ficcional.

O que certamente aumenta nosso interesse nesta coleção são as circunstâncias em que foi descoberta, em 2018, quase doze anos depois da morte do autor. Ao que parece, o jornalista egípcio Mohamed Shoair (que conheci no Cairo nos anos 1990 e com quem estive recentemente em contato) estava escrevendo um livro sobre o trabalho mais controverso de Mahfuz – o romance *Os filhos do nosso bairro*, originalmente publicado como uma série de artigos no jornal *Alahram*, do Cairo, em 1959. Como parte da pesquisa, Shoair estava em contato com a filha de Mahfuz, Umm Kulthum. Ele nos conta que o conjunto manuscrito dessas narrativas foi encontrado em uma gaveta junto a um bilhete: “Para ser publicado em 1994”. Aquele ano em particular acabou sendo importante na vida e na carreira de Mahfuz. Em 13 de outubro, dia de aniversário do anúncio de seu Prêmio Nobel em Estocolmo em 1988, o escritor foi esfaqueado no pescoço em frente a seu apartamento em Dokki, um subúrbio do Cairo, numa tentativa de assassinato. Essa tentativa foi incitada por uma fátua (opinião legal) emitida por um clérigo egípcio muçulmano radical, Omar Abdel Rahman, o chamado “xeique cego” e líder do Aljamaa Alislamiya, que havia condenado Mahfuz por



não ter declarado herético *Os versos satânicos*, de Salman Rushdie, e pelo trabalho controverso anterior de Mahfuz, *Os filhos do nosso bairro*. Esse evento traumático teria um efeito profundo em Mahfuz (até porque um nervo rompido em seu pescoço o impediria de usar a mão para escrever). Essa menção a 1994 inevitavelmente suscita perguntas sobre as circunstâncias da composição das dezoito narrativas. Antes de examinar as implicações que podem ser deduzidas dos próprios textos, vou primeiro discutir os precedentes dessas narrativas de forma a tentar colocá-las no contexto mais amplo da obra de Mahfuz como um todo.

A “obra completa” de Naguib Mahfuz havia sido publicada regularmente durante os mais de sessenta anos de sua carreira (quase toda ela pela Maktabat Misr, a editora do sócio e amigo de longa data de Mahfuz Abdel Hamid Jawdat Assahhar, ele mesmo romancista). Um conjunto completo desse trabalho foi publicado recentemente em tradução para o inglês pela American University na Cairo Press. Dito isso, pesquisadores diligentes têm, de tempos em tempos, descoberto referências a manuscritos de trabalhos, tanto publicados quanto inéditos, e o próprio Mahfuz admitiu que nunca esteve particularmente preocupado com o destino (e com a preservação) dos manuscritos originais de suas criações ficcionais. Uma história é suficiente: quando, depois de cinco anos de pesquisa, Mahfuz notou ter concluído as mais de 1.500 páginas do manuscrito de sua famosa Trilogia do Cairo, levou o material até o escritório de Assahhar em abril de 1952 (em outras palavras, imediatamente antes da Revolução Egípcia de julho daquele ano). O editor – não sem razão – hesitou em função de seu tamanho. Mahfuz saiu do escritório sem a única cópia do texto. Felizmente para a literatura mundial, Assahhar reteve o manuscrito e, entre 1956 e 1957, publicou o trabalho em três volumes.

O encontro do manuscrito destas dezoito narrativas, portanto, pode não ser uma descoberta sem precedentes

de textos inéditos de Mahfuz, mas algo que pode, de fato, remontar até mesmo ao processo de seleção de histórias para inclusão em sua primeira coleção, *O sussurro da loucura*, 1938.

Em quais contextos históricos e gerais estas narrativas podem plausivelmente ser inseridas? Tendo lido e traduzido os textos para o inglês, concluí que o tema central em torno do qual tais questões podem ser direcionadas mais efetivamente é o da *hara*<sup>[1]</sup>. Os primeiros escritos de Mahfuz, nos anos 1930, eram ensaios filosóficos (que refletiam seus interesses acadêmicos na época) e contos, e seus três primeiros romances (publicados entre 1939 e 1942) refletiam seu interesse permanente pelo Egito antigo (estimulado por visitas semanais ao Museu Egípcio que ele fazia com a mãe – sendo o filho mais novo da família por bem mais de uma década). No entanto, os desdobramentos políticos no Egito durante os anos 1930 e 1940 o levaram numa direção completamente nova, um desenvolvimento claramente estimulado por suas leituras à época de trabalhos de ficção europeus (baseados, segundo viemos a saber, na lista de obras representativas encontrada como apêndice a *The Outline of Literature*, de John Drinkwater, 1923–1924). Foi nos anos 1940 que ele começou a escrever seus chamados “romances da *hara*”; dois títulos são bem específicos em relação à sua localização nos bairros mais antigos do Cairo – *Khan Alkhalili*<sup>[2]</sup> (1945?) e *Zuqaq Almidaqq* [O beco de Midaqq<sup>[3]</sup>, 1947]. Após o Prêmio Nobel em 1988, Mahfuz participou de um filme no qual, junto com seu amigo íntimo, o romancista Gamal Alghitani, voltou à vizinhança de sua infância. O afeto duradouro por aqueles lugares, com suas histórias longas, atmosfera única e habitantes (incluindo, como ele destaca, as *futuwat*, gangues de ladrões), se reflete continuamente em seus escritos. No entanto, o desejo, nos romances até a chamada Trilogia do Cairo, de refletir em detalhes a realidade frequentemente brutal da vida naqueles bairros



durante as décadas pré-revolucionárias passou por uma transformação após a revolução de 1952. Depois de uma pausa significativa na escrita ficcional de Mahfuz, a publicação de *Os filhos do nosso bairro*, em 1959, demonstra que suas descrições fictícias da *hara* surgem então sob uma luz totalmente nova.

O primeiro episódio da série de textos *Os filhos do nosso bairro* apareceu no jornal *Alahram*, do Cairo, em setembro de 1959. Tendo em vista o sucesso instantâneo dos volumes da trilogia, publicada apenas dois anos antes, não é nada surpreendente que não tenha havido nenhum anúncio ou alarde; o texto simplesmente começa com o título e o nome de seu autor, Naguib Mahfuz. Dito isso, não demorou muito para os leitores enxergarem nas entrelinhas e descobrirem que essa *hara* particular tem uma conotação simbólica extrema, na medida em que o personagem Adham cuidadosamente reproduz incidentes da vida do Adão bíblico, culminando com sua expulsão do Éden. O bairro do título de *Os filhos do nosso bairro*, como vemos, é retratado pelo narrador do romance, baseando sua narrativa nos relatos de bardos tradicionais, como a residência de sucessivas gerações de humanos. Períodos dominados pela influência benigna de líderes religiosos (personagens representando Moisés, Jesus, Maomé e “Scientia”) são intercalados com representações da violência das gangues do bairro e contra a presença contínua, fora do bairro, da casa da misteriosa figura de Jabalawi, que originalmente expulsou Adham por sua desobediência.

O significado simbólico desse folhetim semanal não passou despercebido pela Alazhar, a maior instituição de bolsa de estudo e aprendizado muçulmano sunita no Cairo, que se manifestou vigorosamente contra a continuidade da publicação. Apesar de seus protestos, o editor do *Alahram*, Muhammad Hasanayn Haykal, se recusou a interromper a publicação. No entanto, quando a série estava completa (e a versão original ainda está disponível nas páginas do arquivo do jornal), Mahfuz

concordou com as autoridades da Alazhar que o texto nunca seria publicado na forma de livro no Egito durante sua vida. No entanto, em 1967 uma versão em livro de *Os filhos do nosso bairro* foi publicada em Beirute, sem o conhecimento ou permissão de Mahfuz.

Forneço esses detalhes aqui porque a instituição da *hara*, usada dessa maneira altamente simbólica, iria se tornar um recurso frequente de Mahfuz em seus trabalhos publicados posteriormente e, devo acrescentar, está claramente presente nesta nova coleção de dezoito narrativas. Foi nos anos 1970, depois de uma década na qual Mahfuz produziu uma incrível quantidade de obras ficcionais – romances e contos – caracterizadas por um estilo cada vez mais alusivo e econômico, que ele voltou à *hara* como *locus* particular para suas ficções. Embora *Histórias do nosso bairro* (1975), por exemplo – com seus 78 contos ambientados no Cairo dos anos 1920 e sua preocupação com a vida dos habitantes do bairro num tempo de mudança profunda –, constitua um claro precedente para o contexto espacial destas narrativas recentemente descobertas, é *Ecos de uma autobiografia* (1994) que, por várias razões, pode ser vista como tendo uma relação direta com elas. Assim como *Os filhos do nosso bairro*, *Ecos de uma autobiografia* foi primeiro publicada em forma seriada no *Alahram*: 211 narrativas curtas que apareceram na edição de sexta-feira do jornal entre fevereiro e abril de 1994. A aparição dessa longa série de textos, publicada durante o que viria a ser um período muito significativo de tempo – apenas alguns meses antes de Mahfuz ser atacado violentamente –, e a adição de um bilhete aos manuscritos destas recém-descobertas novas narrativas declarando “Para ser publicado em 1994” emprestam um significado considerável à aparente justaposição temporal dos dois conjuntos de textos e às perguntas feitas acima sobre o tempo e o propósito geral deste novo conjunto.

Em resumo, *Ecos de uma autobiografia* consiste em uma grande coleção de textos extremamente curtos,



numerados, que podem ser convenientemente divididos em dois: na primeira parte, um narrador rememora o passado e relembra incidentes em sua vida e pessoas que conheceu; na segunda parte (começando no texto 112), o leitor é apresentado ao personagem do xeique Abd Rabbih Atta'ih (servo de seu Senhor, o andarilho), que distribui sabedoria homilética a seus ouvintes – por exemplo: “A única coisa mais estúpida do que um crente estúpido é um infiel estúpido”; e “As pessoas mais poderosas de todas são as que perdoam”.

Nos dezoito textos reunidos neste volume, estamos novamente lidando com uma série de narrativas, cada qual com seu título. A *hara* é a localização de todos os segmentos diferentemente intitulados, mas, como é o caso com outras obras que acabei de mencionar, essa localização também assume uma função mais ampla e mais simbólica como local de uma amostra da sociedade humana, com todas as suas fraquezas, conflitos, relacionamentos, triunfos e derrotas. Dois personagens-chave têm papéis variados em cada narrativa: o primeiro é o *shaykh alhara*, o xeique da viela; o segundo é o imã, um personagem religioso que supervisiona a *zawiya* local, uma combinação entre mesquita, escola corânica e fonte, e serve de conselheiro regular para o xeique da viela. Nestas narrativas, as duas figuras de autoridade se veem constantemente no centro de ações provocadas pelos habitantes do bairro, sejam os que moram lá ou, como acontece em alguns dos contos, os que voltaram depois de prolongada ausência. Além do bairro e sua mesquita localizada centralmente, há outro local que é foco de várias das narrativas, o *qabu* perto do antigo forte<sup>[4]</sup>. As pessoas que lá residem ou que vão visitar o local têm um encontro com o invisível e o desconhecido, um claro reflexo de outro dos interesses contínuos de Mahfuz por toda a sua carreira, o sufismo e sua frequente invocação dos conceitos gêmeos de *azzahir* (o evidente) e *albatin* (o interior, oculto). Nestas narrativas, quem tem tais encontros dentro do abrigo sai da experiência com



suas perspectivas alteradas, muitas vezes exigindo e provocando um confronto com as figuras de autoridade do bairro. Estes contos, então, como os outros que discutimos acima, revelam a arte contínua de um autor que usa uma comunidade e um lugar de dimensões limitadas como símbolo para apontar questões de significado mais universal.

\*

Ao falar das técnicas de Mahfuz, aludi à sua clara trajetória em direção a um estilo mais alusivo e econômico, que se aprofunda em seu trabalho dos anos 1990. Mahfuz estava totalmente consciente das mudanças que estava fazendo. Em uma conversa telefônica comigo em 1971, ele direcionou minha atenção para um modo completamente novo de escrever, como chamou, que estava adotando para sua série de narrativas breves, *Almaraya*. À diferença dos “romances da *hara*” dos anos 1940, há descrições mínimas do lugar nestas dezoito narrativas; seria difícil usá-las como base para desenhar um mapa dessa “viela” específica. O leitor é levado diretamente para o centro da narrativa, sem preliminares e quase nenhuma, ou nenhuma, das convenções de um gênero como o conto. Conversas frequentemente envolvendo confrontos e desafios às normas tradicionais abundam, enquanto os habitantes se veem precisando lidar com situações desconhecidas e resolver problemas familiares e sociais que o destino e as forças do invisível puseram em seu caminho.

\*

Embora eu já tenha traduzido cinco dos romances de Mahfuz e uma coleção de seus contos (até 1970), revelou-se um desafio agradável traduzir para o inglês o estilo e a estrutura do Mahfuz tardio refletido nestas dezoito narrativas. As decisões necessariamente envolvidas nesse processo de tradução me levaram de

forma inexorável à conclusão de que este recém-descoberto manuscrito é um reflexo de suas últimas expressões criativas envolvendo a função simbólica da *hara*, diferentemente de fases anteriores de sua longa carreira como escritor. No fim, no entanto, somos deixados com uma pergunta não respondida (e que provavelmente não poderá vir a ser respondida): considerando que estas dezoito narrativas apresentam uma nítida unidade de localização, propósito e estilo, são elas um trabalho completo ou mera parte do que deveria ser um projeto maior iniciado, mas nunca concluído? Talvez seja apropriado dizer que recebemos um mistério. Enquanto isso, somos, sem dúvida, gratos por este presente inesperado.

\* Tradução: Rogerio W. Galindo

---

ROGER ALLEN é um dos principais especialistas em literatura árabe no Ocidente. Seu doutorado em literatura árabe moderna (1968) foi o primeiro dessa área na Universidade de Oxford. Britânico de Bristol, emigrou para os Estados Unidos, onde foi professor da Universidade da Pensilvânia durante mais de quarenta anos. É o principal tradutor das obras de Naguib Mahfuz para o inglês e autor de vários artigos acadêmicos sobre o escritor egípcio.

Este texto foi publicado originalmente na edição inglesa deste livro (Saqi Books, 2019).





## Perseguição

Zakiya voltou à viela com um bebê no colo depois de uma ausência de um ano. Ninguém tinha sentido sua falta ou notou seu retorno. Continuava magra e pálida, ou ficara ainda mais, e seu rosto se esvaziara de qualquer beleza; restavam-lhe apenas lembranças de sua já distante juventude. Passou os olhos pelas três casas em que trabalhara como empregada logo após a morte de sua mãe, Sukayna, a lavadeira. Até que fixou o olhar na última casa ao lado do abrigo. Era a casa do mestre<sup>[1]</sup> Uthman, vendedor de bengalas e guarda-chuvas.

A pobreza de Zakiya não permitia que ela perdesse tempo. Decidiu, então, trabalhar como vendedora ambulante de doces para crianças, como balas de goma turca e biscoitos caramelizados. Com uma mão segurava um cesto recheado de doces, enquanto com a outra abraçava seu filho, anunciando a mercadoria de um lugar a outro, mas sempre por perto da loja do mestre Uthman. Ela queria que ele ouvisse sua voz, ou que até mesmo a visse, de propósito. Ele não poderia ignorá-la para sempre. Quando o lugar ficou vazio, ele aproveitou a ocasião e a chamou. Trocaram olhares: o dela era forte e assertivo, o dele, evasivo.

Ele perguntou:

— Como você está, Zakiya?

Ela respondeu áspera:

— Estamos bem de qualquer jeito, graças a Deus.

— Você está precisando de alguma coisa?

— Nosso Senhor é dadivoso... mas esta criança quer o que Deus decretou que é dela por direito – respondeu com audácia.

— Muita conversa sem sentido. Diga logo do que você precisa...

Ela disse num ímpeto:



— Eu já disse o que queria, e você, melhor do que ninguém, deveria ter entendido.

Ele gritou nervoso:

— Não estou entendendo nada! Saia de perto de mim! Isso é castigo por simpatizar com quem não merece... — e desapareceu em sua loja, tremendo de raiva.

Ela retomou seu trabalho, sempre nas redondezas da loja, sem se desviar de seu plano, hora após hora. Mantinha-se ali, paciente e determinada, enquanto o homem tremia, estremezia e imaginava delírios sangrentos.

— Ai de mim! — ele dizia a si mesmo, sentindo a tensão se espalhar na alma. — Não consigo me concentrar no meu trabalho.

Sua vida o exauria tanto na rua como em casa. Era como se ele e sua família estivessem nas mãos de um ifrite<sup>[2]</sup>.

Um dia, voltando para casa, sussurrou para ela:

— Se você persistir no mal, ninguém encontrará seu cadáver...

Mas ela não teve medo nem recuou, e seguia acalentando a criança no colo. Mestre Uthman não aguentava mais aquilo. Não aturava mais a cena da menina rondando sua loja carregando a criança. Assim, foi até seu amigo, o xeique da viela, e dividiu com ele sua aflição. Por fim, disse:

— O que mais temo é que ela me cause um escândalo por nada.

O xeique da viela mirou-o longamente sem demonstrar nenhuma dúvida sobre o que ouvira. Então, disse:

— Se a mulher não for caluniadora e mentirosa, o mais conveniente seria que você pusesse seu orgulho de lado e trabalhasse para satisfazer a Deus...

— Mas ela é caluniadora e mentirosa — Uthman respondeu com voz cansada.

— Ainda assim ela pode te envolver num escândalo, e as pessoas vão acreditar nela.

— Você não permitiria isso.

O homem refletiu com cuidado e disse:

— Vou convencê-la a sair da viela, e por isso ela receberá mesada, o que será considerado uma caridade. É uma solução satisfatória para todos...

Mestre Uthman disse com um suspiro:

— Vou fazer o que você me sugere...

No dia seguinte, o xeique da viela chamou Zakiya e disse:

— Tenho uma boa solução para você...

Contou-lhe o que fora acordado e disse:

— Você vai ficar numa casa decente. Eu vou fazer uma boa recomendação sua para o xeique da sua nova viela.

Um silêncio de reflexão e de emoções ambíguas se instaurou. O xeique se deu conta de que a resposta esperada não viria e então perguntou:

— Você me ouviu?

Ela esticou o pescoço e disse:

— Ouvi o que o senhor disse, nosso xeique, mas não irei.

Então, o xeique gritou nervoso:

— Você é maluca! Sem dúvida!

— Este menino é filho dele. Não vou aceitar caridade.

— E o que você pretende fazer?

— Vou manter o menino às vistas dele para lembrá-lo sempre do crime que ele cometeu...

Zakiya continuou com sua rotina, vendendo doces e carregando o filho, circulando aqui e ali, às voltas da loja. Mestre Uthman foi se afundando mais e mais num descontentamento oculto; sua raiva fervia e o dominava. Talvez pela primeira vez na vida, ele pensou em matar.

Mas outra coisa lhe ocorreu. No horário de pico do trabalho, voltou até o xeique da viela com a disposição completamente mudada. Pegou a mão dele como se pedisse ajuda e exclamou:

— Vou me casar e reconhecer o menino! Vamos morar em outra viela...

O xeique disse assertivo:



— Essa mulher não vai recuar um passo no que ela quer.

*image  
not  
available*



cantava “Ela surgiu, e como é bela sua luz”<sup>[4]</sup>. Sabia de cor uma seleção de poemas de Shawqi e Hafez<sup>[5]</sup>. Além disso tudo, ela mantinha as rezas e o jejum no Ramadã, e gostava de escutar recitações de declamadores famosos como Ali Mahmud e Nada<sup>[6]</sup>. O mais incrível era quando ela estendia a mão a Umm<sup>[7]</sup> Ruqaya e lhe dizia em voz simpática:

— Conte-me o que os dias escondem de nós...

Nem Beethoven, nem Descartes, nem Baudelaire puderam tirar das profundezas de seu coração o legado do longo tempo que ela passou na nossa viela. Ela ainda acreditava em incenso e adivinhos, e não duvidava da existência de ifrites no antigo forte sobre o abrigo de nossa viela.

Os dias separaram os galhos da árvore de nossa família, e todos foram para onde lhes fosse mais apropriado. Ela se mudou para Zamalek, viveu um período no exterior e depois voltou. Virou mãe e então avó. Eu não a vi por um longo tempo, mas continuei me lembrando dela com a imagem da juventude; a simpatia, a beleza e a magia, tudo reunido.

Eu estava sentado na calçada do hotel Arno, olhando o mar Mediterrâneo de trás do calçadão, quando um carro encostou bem na minha frente. Vi a senhora sentada ao lado do motorista acenar para mim. Eu não a conhecia de lugar nenhum. Seu rosto era uma expressão modelar de velhice; esquelético, muito branco, profundamente pálido e imerso em rugas. Usava óculos escuros. Quando ela notou minha hesitação e surpresa, perguntou-me:

— Você não está me reconhecendo?

Assim que ouvi o tom de sua voz, o passado se alastrou como quando se estilhaça um frasco de perfume...

Avancei até ela tropeçando de timidez e saudade.

Trocamos palavras amistosas, eu imerso em pensamentos distantes.

A senhora riu e disse:

— Se você não me reconhece, não é minha culpa!



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

— Se é tão importante para você, por que você mesmo não se encarrega dele, já que é mais forte do que eu, que sou milhares de vezes um coitado?

A voz repetiu sua ordem, austera e decidida, sem debate.

Naquele estado, incapaz de confrontar sua fraqueza, o Filho da Viela ficou de pé. Recobrou um ar de coragem e determinação como se tivesse entornado uma garrafa de vinho. As pessoas se surpreenderam quando o viram se aproximando. Zawi pôs de lado a mangueira do narguilé, mirando-o com um olhar flamejante. Todos os olhares das testemunhas no café se voltaram para o homem de uma única *galabiya*. O xeique da viela alertou enfaticamente:

— Vá embora, que não haverá problemas...

Mas o Filho da Viela bradou sua mensagem ao mestre Zawi:

— A voz diz para você devolver cada décimo de centavo indevido do seu dinheiro a quem o merece!

Zawi saltou sobre ele, dando-lhe tapas na cara e chutes no corpo até que ele caiu no chão, gemendo e se contorcendo, sangrando pelo nariz e pela boca...

Então, aconteceu algo que raramente acontece na viela. Quem estava sentado se levantou, e os espectadores se aproximaram para proteger o Filho da Viela da agressão. Entre bater e apanhar, ficaram cada vez com mais raiva e se viram envolvidos em uma batalha violenta...

A noite estava escura, como o imã da *zawiya* a descrevera. O lugar estava cheio de gente enfurecida; o sangue escorreu e Zawi caiu como o Filho da Viela caíra antes. O xeique, impressionado com a quantidade de feridos, preparou-se para restaurar a ordem e disse ao imã:

— Que noite incrível! Ainda mais incrível do que a história dos ifrites do antigo forte...